

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: quais estratégias as crianças utilizam para entendê-las?

Comics in literacy processes: what strategies do children use to understand them?

Márcia Antônia Dias Catunda¹

RESUMO: O presente trabalho visa mostrar quais as estratégias que as crianças que estão em processo de alfabetização utilizam para compreender as Histórias em Quadrinhos. Com isso também busca analisar as principais estratégias de leitura para que professores e pedagogos tenham êxito ao alfabetizar crianças. Esse trabalho também mostra como e por que fazer uso dessas ferramentas em sala de aula e os efeitos de se trabalhar com quadrinhos ou outros gêneros que contenham imagens. Os principais assuntos abordados são estratégias de leitura, quadrinhos, imagens, alfabetização e letramento com estudo de caso feito com uma criança em fase de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos. Alfabetização. Letramento. Imagens.

ABSTRACT: This paper aims to show the strategies that children who are in the literacy process use to understand comics. It also seeks to analyze the main reading strategies for teachers and educators to succeed to alphabetize children. This work also shows how and why to use these tools in the classroom and the effects of working with comics or other genres that contain images. The main issues addressed are reading strategies, comics, images, literacy and literacy with case study of a child literacy phase.

KEYWORDS: Comics. Literacy. Literacy. Images.

1 INTRODUÇÃO

Mais do que uma opção de lazer e entretenimento, as histórias em quadrinhos atualmente são consideradas grandes meios de comunicação de massa, sendo consumidas por pessoas de todas as idades, não somente por crianças. Os profissionais de Educação descobriram nas HQs uma ótima ferramenta didática para auxiliar no aprendizado e incentivar a leitura. Isso será discutido com mais aprofundamento nas próximas páginas deste trabalho.

¹ Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Ensino da Língua Portuguesa (UECE), mestranda em Informática Educativa (UECE). E-mail: marcia_catunda@yahoo.com.br

A popularidade das HQs hoje não corresponde ao mesmo de anos anteriores. Antigamente, as histórias em quadrinhos eram vistas até com preconceito, como explicam os pesquisadores Vergueiro e Ramos (2009, p. 9):

As histórias em quadrinhos gradativamente passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas, sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias. Por outrolado, paulatinamente deixavam de ser vistas de forma pejorativa ou preconceituosa, inclusive nas áreas pedagógica e acadêmica (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 09).

Os autores apontam também que as revistas em quadrinhos eram tidas como material que gerava “preguiça mental” nos estudantes e que afastava os alunos da chamada “boa leitura”.

É cada vez mais comum os professores fazerem uso de histórias em quadrinhos dentro de sala de aula para facilitar o aprendizado e deixar o conteúdo mais atrativo aos alunos. Vergueiro (2004, p. 21-25), aponta alguns motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam o ensino.

- Os estudantes querem ler os quadrinhos.
- Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente.
- Existe um alto nível de informação nos quadrinhos.
- As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos.
- Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura.
- Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes.
- O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar.
- Os quadrinhos têm um caráter globalizador.
- Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

O uso de quadrinhos em sala de aula fica mais a critério do professor, de acordo com seus objetivos didáticos. Não há regras específicas para fazer uso dessa metodologia, como explica Vergueiro:

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. Em cada um desses casos, caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão de seus alunos (VERGUEIRO, 2004, p. 26).

Ainda de acordo com o pesquisador, a aplicação das histórias em quadrinhos deverá se adaptar ao cronograma do curso, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. A utilização da leitura de gibis como um momento de relaxamento para os alunos, uma espécie de descanso no uso de materiais mais nobres, pode atingir resultados exatamente opostos aos pretendidos. Ou seja: a aula não deve parar quando da introdução da leitura de quadrinhos, como se também o professor estivesse necessitando de um descanso na sua árdua tarefa de ensino. Além disso, é importante que o professor saiba selecionar o material que vai ser utilizado em sala de aula, devendo levar em consideração os objetivos educacionais que se deseja alcançar e que o educador tenha familiaridade suficiente com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizado um estudo de caso com uma criança de cinco anos de idade, do sexo masculino, estudante de escola particular, cursando o Ensino Infantil V. O objetivo é verificar quais estratégias uma criança que ainda não sabe ler adota para a decodificação de uma história em quadrinhos. Para realizar este estudo, foi realizada uma entrevista do tipo semiestruturada com a criança.

De acordo com Goode e Hatt (1979, p. 422), o estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera

a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale lembrar, no entanto, que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio do estudo do caso, o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa.

Como a criança que é o objeto de estudo não domina a leitura, foram feitas perguntas sobre cada quadrinho de uma historinha composta por três páginas. A criança sentou-se à mesa, fez uma leitura visual e perguntamos o que ela entendeu de cada quadrinho para facilitar que ela chegasse a uma conclusão sobre a historinha, mesmo que não a compreendesse de forma completa.

Os dados obtidos com essa experiência serão divididos em três fases: antes, durante e após a leitura. Serafim apud Eisner (1991) afirma que a análise dos dados feita de forma qualitativa e quantitativa permite que o pesquisador, dentre outras vantagens, interprete qual o significado de uma situação para os sujeitos da pesquisa e veja as particularidades de cada contexto. Por isso, a análise dos dados dessa pesquisa também foram feitos de maneira qualitativa e quantitativa.

Foi realizada uma pesquisa com observação participante, que, segundo Marconi (2007), “é uma pesquisa que consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI, 2007, p. 91). Ainda segundo a autora, o objetivo inicial é ganhar a confiança do grupo (nesse caso, da criança), fazer os indivíduos compreenderem a importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão. Mas, em certas circunstâncias, ela considera haver mais vantagem no anonimato, que é o caso desta pesquisa, uma vez que a criança não entende o que é uma pesquisa, então ela interpreta que é apenas uma brincadeira ou até mesmo uma tarefa de casa, tal como a professora na escola passaria para ela.

Como dito anteriormente, na pesquisa também se fez uso de entrevista, que, de acordo com Goode e Hatt (1969, p. 237), consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Nas estratégias de leitura do gênero História em Quadrinhos, os elementos verbais e não-verbais são identificados. Nesse espaço, serão apresentadas as estratégias utilizadas antes, durante e depois da leitura dos quadrinhos.

3.1 ANTES DA LEITURA

Antes de pedir para a criança para “ler” a HQ, quis saber se ela sabia o que era o material que eu estava dando a ela, como ela chegou a essa conclusão e a opinião dela sobre o gênero HQ. As perguntas foram as seguintes:

- 1- Que revista é essa?
- 2- Como você sabe disso?
- 3- Você gosta de ler essas historinhas? Por quê?
- 4- Quem você acha que gostaria de ler essa história? Por quê?
- 5- Por que se deve ler quadrinhos?

No caso da criança pesquisada, ela é uma leitora emergente. Serafim apud Giasson (1996) afirma que leitor emergente é aquele que ainda não lê palavras; está em uma fase inicial da leitura, na qual ainda não lê de forma autônoma: nessa fase, as crianças começam a entender as funções da escrita, entregam-se ao prazer de escutar histórias e de reconhecer palavras em seu contexto, mas ainda não descobriram o princípio alfabético que os permitiria ler palavras novas.

Na pergunta 1, a criança respondeu “quadrinhos”. Na pergunta 2 ela respondeu que “por causa dos quadrinhos e bonequinhos”. Na pergunta 3 ela disse que “sim, porque é legal”, o que reforça as teses apresentadas anteriormente sobre a influência dos quadrinhos na leitura para as crianças. Na pergunta 4 a criança respondeu: “a minha mãe, porque ela gosta de ler historinha pra mim”. Na pergunta 5 ela disse que é “para aprender a ler”; assim, ela já reconhece que os quadrinhos podem auxiliá-la no processo de alfabetização.

Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específico, numa pós leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final. Pergunta

mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de lembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas (SOUZA e BERNADINO, 2011, p. 246).

Percebe-se que, mesmo sem dominar a leitura, a criança conseguiu identificar a HQ por já ter familiaridade com o gênero, por já ter visto outras revistas em quadrinhos.

3. 2 DURANTE A LEITURA

A história em quadrinhos escolhida foi do personagem Chico Bento, da Turma da Mônica. A escolha se deve ao fato de o personagem e o leitor serem meninos, e assim haver uma maior identificação. Além disso, Chico Bento é um personagem popular e querido pelo público infantil. O tema da HQ é escola. O tema foi escolhido por ser um espaço que faz parte da rotina da criança. Pois para a criança ter interesse em ler algo, é importante que haja uma identificação com a proposta da HQ.

A história escolhida tem o título “Escola pra quê?”. Na HQ, o personagem Chico Bento reclama ao amigo Zé da Roça que a professora passa muita lição para eles fazerem em casa e que um dia ele pensa em deixar a escola por causa disso. No caminho para casa, Chico encontra um menino analfabeto, que lhe pergunta onde fica a vila, mesmo tendo uma placa ao lado dizendo onde fica. Na conversa, o menino conta que nunca frequentou a escola e Chico fica com inveja, pois também gostaria de ser livre da escola. Porém, no decorrer da história, Chico vê as dificuldades do menino que não sabe ler placas, nem calcular o quilo da batata e depende de outras pessoas que saibam ler e escrever para ajudá-lo. Então, ele decide levar o menino à escola e ele realiza a matrícula. No final, Chico fica cada vez mais aplicado nos estudos e conclui a HQ com o seguinte pensamento: “Minha felicidade só vai ser completa no dia em que todas as crianças do Brasil tiverem escola pra ir, no dia em que todas elas souberem ler e puderem entender as historinhas do meu gibi”. Uma história com final bonito, que mostra à criança a importância de saber ler e escrever e o papel da escola nesse processo. Esse foi mais um motivo para a escolha da HQ, especificamente.

Como a criança do estudo de caso desta pesquisa ainda não sabe ler, não podíamos pedir para ela ler e contar o que entendeu. A criança seguiu as próprias

pistas contidas nos desenhos. Na primeira página ela conseguiu identificar que Chico Bento conversava com o amigo (Zé da Roça) e que Chico estava aborrecido com alguma coisa (como dito anteriormente, com o fato de a professora ter passado muita lição de casa, mas isso a criança não conseguiu identificar). Depois, ela identificou que Chico estava com um novo amigo de camisa vermelha e que estavam indo a um mercadinho. Ela afirmou que era um mercadinho porque o menino de camisa vermelha deu dinheiro ao vendedor e este colocou batatas na balança e depois em uma sacola. A criança também conseguiu identificar que Chico e o menino de camisa vermelha foram à escola, por causa dos desenhos da lousa, mesa, carteiras e professora mostrados no quadrinho. No final, ela disse que Chico estava estudando ao ver desenhos de livros e cadernos na mesa e deduziu que Chico estava indo novamente à escola, mas dessa vez não estava com raiva, por causa das expressões faciais dos personagens, ainda que ela não entendesse o que está escrito no balão.

Foram feitas as seguintes perguntas:

- 6 - Onde está o título do texto?
- 7 - Quem é o personagem principal da História?
- 8 - Quem são os outros personagens?

Na pergunta 6, a criança conseguiu identificar o título do texto e justificou que o título “tem letras grandes, uma outra cor e não tá no balão”. Na pergunta 7 ela disse que era o Chico Bento porque “é ele que aparece mais vezes na historinha”. Já na pergunta 8 disse que eram “os dois amigos do Chico, o que aparece no começo e no fim (Zé da Roça) e o de camisa vermelha (o menino analfabeto que não tem nome na historinha)”. Perguntas que a criança conseguiu responder sem dificuldade.

3.3 DEPOIS DA LEITURA

Após a leitura da história completa, ou melhor, da interpretação dos desenhos feita pela criança, foi pedido que ela falasse o que ela entendeu da história. Ela resumiu contando que, no começo, Chico conversou chateado com o amigo e no caminho para casa encontrou outro amigo e os dois foram ao mercadinho comprar batatas e depois foram à escola. No final, Chico e os dois amigos vão à escola, todos

felizes. Isso foi o que a criança conseguiu entender da história apenas com as ilustrações e expressões dos personagens.

Para desenvolver a competência genérica na prática de leitura de crianças não-alfabetizadas, não basta colocá-las frente aos diversos gêneros discursivos que circulam nos meios sociais. É preciso que o professor satisfaça as curiosidades da criança sobre esses gêneros e intervenha sistematicamente ajudando a criança a organizar suas hipóteses de leitura (CARVALHO e OLIVEIRA, 2011, p. 6).

O contato com histórias em quadrinhos, seja através do educador ou da mãe, é importante para a criança que está aprendendo a ler. Mesmo que não saiba as palavras, o simples fato de ouvir uma história já contribui para que a criança consiga desenvolver uma narrativa oral, como foi o caso da criança desta pesquisa. Girardello (1989) fala sobre isso:

É ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que as crianças aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais. Na entrega ao presente do jogo narrativo no âmbito da educação infantil, professoras e crianças ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes. Tornam-se seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo (GIRARDELLO, 1989, p.10).

Também perguntamos à criança o que ela acha da escola dela, já que o tema da historinha era esse. “Gosto da minha escola porque lá eu estudo e brinco com meus amigos”, foi a resposta dela. Para Palacios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maior repercussão tem para a criança. A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente, como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança. A resposta do menino reforça essa ideia.

O ato de recontar histórias, como foi feito pela criança objeto de estudo desta pesquisa, também traz benefícios durante a alfabetização, como afirma Ranei (1998):

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições,

cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo (RCNEI, 1998, VOL. 3, p.144).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos são uma boa ferramenta para despertar a atenção do leitor e facilitar a compreensão por um determinado assunto. Nos quadrinhos, é de suma importância a análise descritiva da linguagem visual para nortear e ajudar o leitor no processo de entendimento e leitura visual das imagens. Seja qual for o tipo de história em quadrinhos utilizado, a linguagem empregada neste gênero é simples e traz uma mensagem ao receptor, seja para refletir ou simplesmente como forma de entretenimento. Não importa o leitor, o quadrinho é acessível a qualquer público.

Os educadores se convenceram de que os quadrinhos auxiliam no aprendizado, sendo uma forma acessível e didática de transmitir o conteúdo, seja de uma disciplina da área de humanas ou exatas. É essencial que o professor veja os quadrinhos com a mesma importância de exercícios comuns, não apenas como uma ferramenta para “descanso” ou “mudança de rotina” da aula. Como todo plano de aula, trabalhar com quadrinhos envolve planejamento para que no final os objetivos sejam alcançados.

Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas em quadrinhos ajudam a estimular a criatividade da criança e a desenvolver seu vocabulário. As crianças que desde cedo são estimuladas a ler histórias em quadrinhos terão mais chances de ter a leitura como *hobby*. Os gibis, como são popularmente conhecidos, também são ótimos aliados em sala de aula, tornando as aulas mais divertidas e dinâmicas.

Os quadrinhos promovem um maior interesse da criança pela leitura, mesmo aquelas que ainda não dominam a prática. O formato, os desenhos, as cores e a linguagem simples são elementos que atraem o público infantil e auxiliam no processo de alfabetização. Os quadrinhos são tão presentes no cotidiano das crianças que mesmo aquelas que não sabem ler conseguem identificar o gênero por causa desses elementos.

As HQ são boas ferramentas para as crianças que já sabem ler e aquelas que também não sabem ler. Estimulam o pensamento, a criatividade, a linguagem oral e escrita. Ao explorar esta ferramenta de forma correta, os resultados são satisfatórios. No caso das crianças que não sabem ler, elas conseguem compreender a HQ, ainda que de forma não completa, por meio das expressões dos personagens e dos desenhos de objetos que permitem a criança identificar em qual local se passa a história, por exemplo, e se o personagem está alegre ou triste.

Nem todo professor sabe explorar as estratégias de leitura de forma eficaz em sala de aula. Entretanto, tais estratégias se mostram satisfatórias no processo de alfabetização, ao formar leitores que saibam ler e interpretar textos e, principalmente, tenham prazer em ler. Por isso, essas estratégias devem ser mais exploradas em sala de aula, tanto com crianças que sabem ler como crianças que não sabem ler, pois ambas são capazes de dar significado ao texto. Devem ser adotadas estratégias para antes, durante e após a leitura.

Geralmente, uma história em quadrinhos possui texto e imagem. Todas possuem imagens; entretanto, nem todas possuem texto, o que reflete a influência das imagens nesse tipo de leitura, ainda que seja apenas uma leitura visual. Mesmo sem texto, um quadrinho “mudo” é capaz de fazer o leitor compreender a história que está ali. Além de despertar a atenção, as imagens tornam a leitura mais leve e prazerosa e, conseqüentemente, o professor que as utilizam de forma eficaz também terá uma aula com as mesmas qualidades.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Vol.3 - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. VANNUCCHI, Andrea Infantsi, BARROS, Marcelo Alves. **Ciências no ensino fundamental**: o conhecimento físico. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de; GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de ciências**: tendências e inovações. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIRARDELLO, Gilka (Org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. 3. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, p. 355-367, set.-dez, 2009.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. Tese. Doutorado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 424 f.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista Educere et Educare**. Vol. 6, jul. - dez. 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das histórias em quadrinhos em sala de aula: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

Data de Recebimento: 13/02/2018 Data de Aprovação: 10/06/2018
--